

ECOS DE GUIMARÃES

X Ano

ORGÃO MONARQUICO

Numero 38

Redacção e Administração

EM GUIMARÃES

Rua Gravador Molarinho, 47

Director, proprietario e editor

JOÃO PEREIRA DA COSTA

Guimarães, 9 de outubro de 1920

Composição e Impressão

Tipografia «LUSITANIA»

Perto do Tribunal

Carta de Lisboa

O boato

Aí vai nova Carta da capital, carta sem interesse, não porque falte com abundancia, e até de sobra, assunto para encher longas colunas do semanario o «Ecos de Guimarães». E' preciso, porem, atender a uma especial circunstancia, que me diz — cautela.

Os assuntos, alguns palpitan-tes e até de interesse, por exem-pto, a carestia da vida, o calor, a falta de chuvas, devem agrada-rem, pondo de parte a politica.

A politica, essa senhora, não nos interessa, no momento, em que fervilham tantos boatos e tantas mentiras. E' cousa notoria e até já conhecida, é o boato um veneno que tudo corroe e estraga, envenena e deforma.

O boato faz parte integral da vida portuguesa, principalmente, nesta terra alfacinha; o boato medra com fertilidade e ha cavaleiros que dele vivem e dele se sustentam á tripa forra.

Não é invenção minha, nem quero lançar insinuações a nin-guem; quero, desejo frisar um facto, afirmar uma verdade.

Ha cavaleiros que somente cultivam no seu cerebro o boato e lançando-o da meza do café para a rua, ligeiro e veloz salta de bairro para bairro. O boato avoluma-se de boca para boca, é aumentado conforme os pala-dares, até tomar fóros de cousa certa e positiva.

Ha muito que a dessorada sociedade portuguesa vive do boato, achando o seu melhor e mais reconfortante alimento.

Ha uns dias que nesta terra o boato saiu bravo para a rua, tendo feito as suas tropelias, fer-til e abundante tem singrado sem obstaculo de maior.

E' um facto positivo e até co-nhecido na capital quando a vida se agrava, é, por essa epoca que o boato anda á solta, mentindo, falseando, deturpando e enfa-mando tudo. O povo da capital que na sua maioria vive miseravel-mente, arrastando uma penosa vida, sacrificado e cheio de privações, aprecia o boato, liga-lhe importancia, dando-lhe cré-dito.

Temos atravessado nestas cal-mosas semanas com petulancia — o boato.

D'onde provém o boato?

Sae sempre da meza do café, do «mentidero» da Brasileira do Rocio e dos logares onde os profissionais de revolução for-jam mentirolos, por entre chica-ras de café forte e estimulante e fumaradas de tabaco francez.

NO ANIVERSARIO DO 5 DE OUTUBRO

REFLEXÕES CONSCIENCIOSAS

«Enquanto das manifestações offi-ciais feitas á sobreposse contrastam com a exaltação afectada dos centralis-revolucionarios na celebração festiva do 16.º aniversario da republica, reflicia-mos serenamente e sem paixão sobre o acontecimento celebrado, traduzindo o sentir da maior e da melhor parte da Nação.

Não queremos para o espirito outro alimento que não sejam os azimos da sinceridade e da verdade, seguindo a sentença do Apostolado das Gentes.

E, conforme pensamos, assim escre-vemos. E' essa a nossa unica força, que algo vale, pois os que nos têm sabem que tem diante de si uma convicção sincera que se exteriorisa

Tinhamos vivido em regime monar-quico oito seculos de gloriosa historia, em que o povo portuguez superava por um maravilhoso poder de revivescencia, as mais angustiosas crises.

Bem o prova a restauração da inde-pendencia firmada á custa de vinte e oito anos de guerra com a Espanha. Nos principios do seculo XIX lográmos afugentar do sólo patrio as aguas na-poleonicas quando parecia aniquilada a nacionalidade.

Após largo periodo de inercia e de-cadencia, voltamos a exercer um vigo-roso esforço como nação colonial.

O Rei encarnava em si a soberania e a Nação operava na vida publica me-diante a constituição tradicional, que pôde ser postergada pela corrente abso-lutista, que também entre nós exerceu o seu influxo mormente sob o tiranico imperio de Pombal, mas que facil era

Depois espalha se com veloci-dade atravez da cidade, alar-mando uns, intimidando outros, assustando fracos e apavorando as pessoas doentes, nervosas e cardiacas.

Não exagero o que escrevo, até não carrego em demasia de-côres negras o que é a lucrativa industria boateira.

Um pequeno estrondo asse-melha a muitas pessoas o sinal da revolução, da tal apregoada revolução marcada para 2.ª fei-ra, adiada para 4.ª, confirmada para 5.ª, depois adiada para 6.ª e dada como certa para sabado ás 2 horas da madrugada e abor-tada para depois por lhe ter fal-tado o cabo do 7 e o corneteiro do 17.

E assim se arrasta a vida da capital, de crise economica, de vida sempre agravada, de azeite caro, de carne carissima e de peixe para nababos, com tudo, tem o boato a fervilhar, á solta, em liberdade empestando o am-biente da cidade que aturou os arlequins dos comicos, os tais do bacalhau a pataco.

Lisboa, 4 de Setembro de 1920

L. S. A.

fazer reviver, remocada em harmonia com a evolução social.

Veio o liberalismo, como corpo es-tranho no organismo nacional, trazer-nos uma formula politica artificial em desacordo com as tradições e que de facto não passou de ficção.

Principios individualistas do natura-lismo anti-cristão, atenuados embora cautelosamente na pratica, transviaram as inteligencias e falsearam a vida pu-blica.

Em monstruoso amalgama o regalismo absolutista deu as mãos ao sectarismo maçonico. Respeitou-se a tradicional aliança do Estado e da Igreja, pro-curando porem privar esta de todas as liberdades e torná-la mero organismo bu-rocrático, d'cil e submisso, ao serviço do Estado. Os partidos politicos eram apenas instrumento de competições pe-ssoais alternando na conquista do poder.

Todavia a vitalidade divina da Igreja manifestava-se numa salutar reacção, fa-vorecida pela sua situação privilegiada. Os mais flagrantes abusos do regalismo tornavam-se letra morta e as liberdades eram pacificamente conquistadas.

A Religião Catolica era a do Estado. A Nação, como corpo colectivo, re-conhecia oficialmente a soberania divi-na. As leis da Igreja eram-no também do Estado.

O Rei era a encarnação do supremo poder, o representante da tradição, que assegurava unidade e continuidade á vida nacional.

A administração publica era honesta e ordenadamente exercida, sendo facil prover de remédio a situação deficitaria do Tesouro, bem proxima do equilibrio financeiro.

Em fins de 1908 percorreu o Rei o norte do país por entre sentidos entu-siasmos populares e ainda nas vésperas da revolução de 1910 o Exército o aclamava no Bussaco, afirmando a sua fide-lidade.

Havia porém um organismo oculto, entendido com os factores da Revolução Universal, empenhado em proclamar a apostasia social pelo divórcio dos poderes públicos e da Religião. Era a Maçonaria, com as suas ramificações popula-res nos grandes centros, e que procura-va e conseguia aliciar instrumentos nas fileiras da força pública, para fazer der-ruir o Altar e o Trono.

Depois de haver tentado aniquilar a Familia Real pelos horrosos crimes de 1 de Fevereiro, a que por milagre esca-pou El-Rei D. Manuel, bastaram-lhe 2 anos de trabalho de sapa, facilitado pela obcecação dos partidos politicos, degla-dando-se em lutas estereis, para fazer triunfar por acção e omissão, mercê da felonía, a conjura revolucionária.

Uma aventura sediciosa, que algumas dúzias de soldados comandados com firmeza e resolução reprimiriam facilmente, logrou vingar e derribar a Monarquia.

Começou desde logo a bacanal revo-lucionária, revelando o espirito sectario que a dominava.

Ditadores ignaros e sem escrúpulo juncaram o solo de ruínas!

Foi a Igreja o alvo principal das suas arremetidas. Teve logo os seus mártires. Expulsão das congregações, confisco dos seus bens, violências e brutalidades con-tra os seus membros, encerramento e profanação de templos, proibição do ensino religioso, imoção do registo ci-vil nos termos mais odiosos, introdução do dissolvente divórcio, prisão e desterro de Bispos e padres, apostasia do Es-

Data redentora

O que «eles» prometeram

- I—Bacalhau a pataco.
- II—Casas baratas.
- III—Instrução gratis.
- IV—Diminuição de impostos.
- V—Liberdade de imprensa.
- VI—Direito de reunião.
- VII—Liberdade de cultos.
- VIII—Fiscalisação financeira.
- IX—Liberdade de pensamento.
- X—Acabar com as acumula-ções.
- XI—Responsabilidade ministerial.
- XII—Extinção da divida externa.
- XIII—Eleições livres.
- XIV—Navegação para o Brazil.

tado, oficialmente proclamada num de-creto monstruoso de separação da Igreja, lei de opressão e expoliação: toda e sa série de «ukases» do governo provi-sório, posteriormente continuada, mos-tra bem qual era o principio vital da re-pública maçonica, o espirito que a ani-mava.

A Nação, passiva e estupefacta, as-sistia inerte á obra de demolição.

As influências locais, que desejavam conservar o predomínio, tingiam-se, mal e á pressa, de verde, encarnado, mas a grande massa mantinha-se alheada do regime, numa reserva hostil, contem-plando a vitória dos corrilhos, o impé-rio de DEMOS representada pela esco-ria social.

A desordem administrativa, a instabilidade do poder, as lutas sangrentas de facções, a aventura da guerra, con-tra a vontade da nossa velha aliada pa-ra consolidar o regime e satisfazer ambições, a burla de uma fingida repre-sentação parlamentar alternando com as ditaduras declaradas, criaram uma situa-ção politica, financeira, economica e moral apavorante. Apellou-se para o Exército a fim de travar o deslize para o abismo que ameaça a nacionalidade.

E, ao cabo de dezesseis anos de re-pública, só a ditadura militar a faz viver e assegura a paz e a ordem

Contrastam-se os efeitos, mas per-mancee a causa que os gera: o profundo desacordo entre o regime vigente na apparencia e a tradição nacional.

Abandone o Exército o poder que está exercendo e entregue aos chamados partidos constitucionais, restabelecendo a normalidade da ficção anterior e ver-se-á nova e mais temível recrudescencia da bacanal revolucionaria, como tor-rente que um dique detem por momen-tos para ceder em seguida ao seu im-pulso.

O remedio estaria no regresso á tra-dição, na restauração da monarquia, liberta do virus liberalista, favorecendo a vida sã e a acção fecunda do organis-mo nacional, com a igreja na situação privilegiada e na plena liberdade a que tem direito, exercendo largamente com eficacia a sua acção moral.

Para isso seria preciso um esforço energico e perseverante, resolutamente apoiado pela grande massa nacional, divorciada da republica e que sente e quer esse meio de salvação, mas não pôde impôr-se á organização politica que a domina.

Como sairá o paiz desta situação? E' o segredo da Providencia.

NEMO.

Alfredo Bravo

Descança finalmente em paz este denodado soldado da Causa Monarquica depois de uma longa lucta de anos com a morte que por fim o venceu.

Era Alfredo Bravo um homem de raras qualidades morais. Não conheço muita gente que mesmo de longe se assimilasse na sua ancianidade de bem fazer.

Nas ocasiões graves ele apparecia sempre e sempre á frente de todos. Fosse uma festa na sua terra, fosse um incendio, fosse um desastre, fosse uma calamidade, Alfredo Bravo surgia, como saído de um alçapão de magica, a organizar, a combater, a consolar e tanto mais contente e tanto mais activo andava quanto maior fosse o trabalho a executar.

O maior prazer que se lhe podia dar era utilisar o seu prestimo. O que a qualquer outro podia aborrecer dava-lhe a ele prazer e não o fazia por jactancia nem por ostentação mas porque a sua natureza l'ho pedia. Fosse um mendigo miseravel Alfredo Bravo era com ele tão solícito tão cortez—ou talvez ainda mais—do que se fosse pessoa que amplamente podesse retribuir-lhe o obsequio recebido.

Por isso os pobres o choram e, de tudo quanto na sua pedra tumular se possa escrever, nada decerto exaltarão—tanto a sua memoria como o cognome de pae dos pobres, com que em Vizela era conhecido.

E o que era com os estranhos era com a familia. O seu grande coração derramava-se em carinhos com a esposa, com os filhos, com os netinhos.

Verdadeiro patriarca, chefe de numerosa prole, onde se achava bem era no meio dos seus,—que o idolatravam como que um verdadeiro santo.

Já a contos com a gravissima enfermidade a que afinal succumbiu, fóra de casa só tinha uma distracção: o hospital, onde era tudo, principalmente enfermeiro desvelado; de casa para o hospital do hospital para casa, este passeio só era altrado se em alguma outra parte fosse preciso socorrer alguém.

E se na sua vida privada não era assim, na sua vida publica não era diferente: com o mesmo amor com que amava a familia, amava a sua Patria; com o mesmo afan e desinteresse com que servia amigos e desconhecidos, servia a Causa monarquica, que o contava no numero dos seus soldados mais valorosos e fieis.

Homens assim honram a Causa que servem. Se homens como Alfredo Bravo servem a Monarquia, é porque a Monarquia é uma causa honesta. Por isso a bandeira azul e branca se abate deante dos seus restos mortais, e, se a acompanhar a sua alma de santo vão as preces dos bons e as lagrimas da familia, dos amigos e dos pobres, vão tambem as dos seus companheiros de lucta que viam nele um nobre exemplo de constancia e de lealdade.

Paz á sua alma nobre alma de cristão e de patriota. Que a terra que o viu nascer e que ele tanto amou, a sua terra e a nossa terra,

S. Francisco de Assis

Embrenhado no merencório pinheiral duma aldeia tranquilla onde a luz do sol por entre a ramaria põe reflexos dourados, enquanto lá ao fundo vejo o espelhar reverberante das águas do rio Ave, o meu espirito sente-se trespassar das serenas beatitudes da natureza, propenso por isso á meditação.

E, meditando, discorro:

Se o nevrótico século em que vivemos se mostra inteiramente voltado ás lutas utilitarias da materia, relegando para um plano inferior as serenas conquistas dos gosos transcendentales; se os homens do meu tempo tudo fazem por arrumar de si as ultimas reservas de sensibilidade e de escrupulos para melhor triunfarem nesta batalha sangrenta de egoismos,—¿devo eu quedar-me na contemplação da vida poetica e da obra social do grande Patriarca franciscano que alcançou no mundo o titulo de santo e deu á espiritual aldeia de Assis eterna fama?

Se hoje, dia 4, no orbe da cristandade se comemora o 7.º século da morte desse asceta poetico a quem os mais severos racionalistas chamam «o grande democrata da Idade Média»; se o ambiente que me cerca é feito duma paz reconfortante, doce e macia como o requer o meu estado de alma, ¿que pensamento mais nobre, que sentimento mais diáfano podia aqui vir ter comigo que não fôsse para meditar na assombrosa influencia que exerceu sobre a sua época e nos dois outros séculos seguintes, êsse que foi «o mais artista dos homens e o mais poeta dos Santos» e em cujo doce nome se encerra todo o místico encanto da piedade e humildade evangelica?

... Bem sei que um outro calendario me diz ser neste mesmo dia 4 que em Lisboa, no lugar da Rotunda, um punhado de valorosos portugueses há 16 anos se bateram, em barricada inexpugnável, por uma causa de civismo e de patriotismo. Bem sei — e por mim o digo! — que essa causa politica, nacional, que foi o advento da Republica, teve um apostolado apaixonado e nobre; que por essa causa se bateram pleiadas generosos e altruistas com o pensamento votado na regeneração dum povo; que por essa causa, servida por tantas almas límpidas e formosos talentos, o meu proprio espirito de combativo se fez, para mais amar e melhor servir esta nossa ditosa patria!

Contudo, ó almas frias! eu encontro bem mais fundo pra-

que ele tão altamente sentiu e tão desveladamente serviu, lhe seja leve. Que os braços do Creador dos mundos se abram para receber em seu seio quem foi em vida um claro reflexo da bondade de Deus.

A. C. C.

(Do «Comercio de Guimarães»)

zer espiritual, — mórmente neste pinheiral ermo onde me encontro e onde o vento por entre a ramaria canta antifonas de harmonia á Natureza — em pensar quão belos devem ser os vitrais de Giotto na catedral de Assis e onde se vê Dante, «o divino», de capuz negro até aos pés, ajoelhado diante da imagem descarnada e mística de S. Francisco; ou ainda, em visio-nar mais perto de nós, como róbble tombado, Guerra Junqueiro no leito mortuário abraçado á sua muito venerada imagem do Santo do «Poverello» — assim chamado porque na sua palavra feita de sugestões e no seu exemplo cheio de abnegantes sacrificios Ele exalçou a humildade e a pobreza beijando a face do leproso e despojando-se do seu saio de purpura...

Achem embora estranho os scepticos da minha época que eu — um republicano que não sofre de superstições grosseiras — tão comovidamente lhes fale de um Santo que há 700 anos morreu, quando se aprestam os foguetes e as filarmónicas para solenisar mais um anniversario inglorio, os 16 anos que a Republica tem de vida.

Seria talvez mais flagrante tombar da anfora sagrada da fé todos os balsamos de confiança no futuro da Republica que eu ainda sirvo e teimo em ver dignificada; mas quere este ambiente tranquillo e solitario onde me encontro que o meu espirito se incline antes para a memoria augusta desse simpatico visionario cuja vida é tão bela que só em Jesus encontra comparação.

Digam-me embora os meus contristados correligionarios como o Hamlet a Ophelia:

— «Vai!... Vai para um convento!»

Quinta de Pedominho, 4.

A. L. DE CARVALHO.

Casa Penhorista Vimaranesense

Fundada em 1880

6, Rua do Gravador Molarinho, 12

GUIMARÃES

Leilão de Penhores

De harmonia com o art. 1.º do Decreto de 1 de Outubro de 1900, faz-se público que no dia 14 do próximo mês de Novembro se procederá, na sede desta antiga casa, á arrematação de todos os objectos que se consideram abandonados.

Guimarães, 6 de Outubro de 1926.

Os Proprietários,

Peixoto, Rocha & C.ª.

Mercedes

a melhor máquina de escrever.

A. S.ª Estefania

Durante o tempo que as asiladas estiveram em Vila do Conde, a uso de banhos, dispensaram auxilio e ofereceram donativos os ex.ªs srs.: Condes de Margaride, dispenderam 3.000\$00 com a renda da casa, transporte de bagagem em 2 carros de bois, 2 char-à-bancas da Trofa a Vila do Conde e regresso; co nboio, ida e volta, mercearia, lenha, banhos etc. e á chegada jantar ao pessoal do corpo docente e ás asiladas; D. Luísa Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride) auxiliou a despesa da sustentação das asiladas, dispendendo 1.000\$00; José Mendes Ribeiro, mandou conduzir no seu camion tóda a bagagem que tinha ido para Vila do Conde; Luís Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride), 100\$00; Filipe Fernandes Cade-co esposa, ofereceram peixe para um jantar, 2 arrobas de batata, 1/2 quilo de bacalhau, 2 cestos de hortaliça, 2 quilos de tomate e 2 de bolacha; D. João de Portugal, 35\$50, pão e mercearia; D. Joana de Portugal e Vasconcelos, ofereceu um abundante almoço e jantar ás asiladas em comemoração do anniversario natalicio do marido sr. dr. Ernesto de Vasconcelos; Um anónimo, 20 garrafas de vinho verde; Directora do Colégio de Vila do Conde, ofereceu ás asiladas uma abundante merenda; João da Costa Torres, 50\$00, José da Costa Santos Vaz Vieira, 50\$00.

Donativos recebidos durante o mês de Setembro findo oferecidos pelos ex.ªs srs.:

José Pinto Teixeira de Abreu, por alma de sua falecida esposa, 200\$00; Padre José Vicente Correia de Abreu, vigário da vara de Santa Cristina do Couto (Santo Tirso) e antigo professor desta instituição de caridade, 100\$; D. Maria Máxima de Almeida, por alma dos seus mortos queridos, 50\$00; Francisco Faria, por alma de sua falecida mãe, 50\$00; Sobrinhos da falecida senhora D. Violante de Barros, entregue pelo «Comercio de Guimarães», 20\$00; Presidente da Comissão Administrativa do Município, 3 frangos; Silvino Ives de Souza, por alma da sua falecida criada, 50\$00; António Salgado, um alqueire de centeio e 1 de feijão; António de Freitas Ribeiro, por alma de sua estremosa filha D. Maria de Ascensão, 100\$00. Total dos donativos, 805\$50.

— Em nome das orfãs desvalidas a Comissão Administrativa agradece muito reconhida a todos os benfeitores.

PARA A BOA CAUSA

BILHETES PARA O SORTEIO FEITO PELAS JUVENTUDES MONARQUICAS DE LISBOA, DO MAGNIFICO AUTOMOVEL "OVERLAND," Á VENDA — NESTA REDACÇÃO. —

Imprensa

Gente Minhota — Recebemos o n.º 7 desta preciosa revista, respeitante ao mez de Julho ultimo, que publica variada e interessante colaboração. Insere tambem o retrato da nossa gentil patricia, Senhora D. Virginia Baptista de Meira, neta do distinto clinico vimaranense sr. Dr. José Joaquim de Meira.

SUMARIO:

«Miuçalhas Regionais», por Claudio Basto; «Do Minho Auzente», por José A. M. Monteiro; «Uma Historia Verdadeira», por Zulmira de Melo; A cidade — Praias do Sul», (Pagina literaria); «Scoutismo Catolico»; «Através do Minho» por A. Viana; «Cem anos», por Antonio Amorim; «A Gente... Elegante».

Gil Vicente — Vai ser distribuido na proxima semana o fasciculo 3.º, correspondente aos n.ºs 5 e 6 da 2.ª serie, desta bela Revista literaria e de doutrinação literaria, que, de numero para numero, vai conquistando maiores triunfos. Este fasciculo publica o seguinte sumario:

«O Anátoma da Flandres» — «Prelúdio da Traição de Lesa-Pátria», por João de Ourique; — «As Caravelas», por Rui de Carvalho; — «A Mata» (conto), por Francisco de Queiroz; «Velharias Vimaranenses» — «Documentos & Efemerides — (1826)» — «Guimarães há 100 anos», por João Lopes de Faria; — «Janela do século XVI», (gravura) — «Desenho do dr. Luiz de Pina»; — «Sonhando ao pé do mar!...», por Parente de Figueiredo; — «As bruxas de Pencelo», por Alberto Vieira Braga; — «Vária» — «Das Idéas & dos Factos», Redacção; — «Vitrine dos Livres» — «Dos Livros & dos Autores», por Horácio de Castro Guimarães; «Publicações recebidas».

Aos nossos presados assinantes muito e muito recomendamos a leitura do «Gil Vicente», que, pelos valiosos documentos que está publicando, virá a ser, no futuro, uma Revista de consulta.

Dirigir toda a correspondencia para o Largo Prior do Crato, 59 - A - Guimarães.

«Correio da Manhã,,

Este nosso distinto colega, órgão da Causa Monárquica, publicou um número especial no dia 5 deste mês, comemorando a data redentora, que foi muito apreciado.

Alguns exemplares andaram de mão em mão, tendo sido lidos com interesse.

«A Epoca,,

E' do nosso prezado colega católico «A Epoca» o artigo que hoje publicamos em fundo.

Por falta de espaço somos obrigados a deixar para o próximo número vária colaboração.

Dr. Alberto Baptista
Doenças da boca, dentes e maxilares
Rua Eugenio dos Santos, 36
LISBOA

«Terras de Portugal,,

Desta magnifica revista de propaganda modernamente publicada em Lisboa, que é incontestavelmente a melhor senão única no género existente entre nós e de que é director o sr. Gomes Barbosa, transcrevemos o interessante artigo do nosso bom amigo e apreciado colaborador sr. Jerónimo de Almeida, que rapidamente esboça o valor industrial e comercial da nossa terra.

Julgamos apenas, em nosso entender, que deveria ser maior o número de anunciantes vimaranenses, dado o avultado número das nossas firmas industriais e comerciais, que assim teriam uma bela oportunidade de se tornarem mais conhecidas, sendo tão certo que hoje em dia o réclame é indispensavel ao negócio e quem não anuncia — não vende.

«O vetusto Berço da Nacionalidade portugueza é, desde remota data, uma das mais industriais terras do paiz, senão a primeira em relação com sua ária e população, do que já tem dado indiscutíveis provas. A ultima poderosa afirmação do seu activo valor industrial e que atraiu a esta velha cidade minhota, rodeada da mais encantadora paisagem, milhares de forasteiros vindos de todas as direcções de Portugal, foi o certamen realizado em 1923, aquando das anuais festas Gualterianas, de retumbante nomeada.

Longo relato seria enumerar aqui, em todos os seus variados detalhes, o que foi essa assombrosa exposição, patenteada ao publico nos espaçosos salões da Escola Industrial Francisco de Holanda, onde acorreram os principais industriais e agricultores do concelho. Só quem a visitou detidamente pode formar um juizo seguro dos diversos ramos de industria vimaranense, como ainda do grau de prosperidade que ela atingiu entre nós e do seu prodigioso incremento desde a anterior exposição de 1884.

Neste lapso de 36 anos todas as industrias expostas progrediram enormemente, conservando apenas aquele cunho nacional que as havia caracterizado primitivamente, sem que muitas delas, senão todas, se amesquinhassem em confronto com identicos produtos estrangeiros, sendo, por isso, justo pôr-se de lado a cada fraze de que «só o que é importado é bom».

Podê se, antes, afoitamente afirmar que as industrias nacionais — a ajuizar por estas — atingiram o aperfeiçoamento de suas similares lá de fora, devendo, portanto, nós patrioticamente dar a preferencia ao que é cá de casa, estimulando assim os nossos industriais e fabricantes que não terão a recear uma concorrência que, de nenhum modo, os empalidece.

São numerosissimas as fabricas de industrias textis (linho e algodão) dentro da cidade e nas povoações visinhas de Vizela, Pevidem, Caldas e S. Torcato, como mais importante industria da região, podendo nós contar as firmas de Antonio da Costa Guimarães, F.º & C.º, Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães,

Fabrica do Arquinho, Cunha Guimarães & Irmão, Empreza Fabril de Vizela, Fabrica de Tecidos do Sume do Rio Selho, Fabrica de Tecidos de Vila-Flor, Fabrica do Moinho do Buraco e Fabrica do Minhoto, estas mecanicas, sendo igualmente numerosas as manuais, cujos artefactos se podem, por vezes, pôr em paralelo com os daquelas. Existe tambem uma Fabrica de camisolas de Bento dos Santos Costa & C.º, muito conhecida.

Outras industrias de velho renome entre nós são os couros (embora como as demais sofram agora uma crise de paralisação parcial) cutelaria, olaria e pentes, que apresentam um abundante e formoso mostruario, como se verificou na dita exposição de 1923. A industria de cortumes vai abandonando os seus primitivos processos, havendo já uma fabrica — Fabrica de Cortumes de Roldes, com os mais perfeitos maquinismos modernos, que pode, estamos certos, competir com as suas melhores congéneres. Esta é, sem duvida, a mais tradicional industria vimaranense, que enriqueceu muitos industriais.

A ourivesaria ocupou em tempos idos lugar de destaque, tendo havido bons joalheiros e lavrantes que deram nome a esta industria delicada, dizendo-se que aqui nasceu o famoso poeta que, segundo opinões, foi tambem ourives — Gil Vicente.

Como se vê deste rapido e sucinto exame, esta historica terra de Guimarães ocupa lugar primacial entre as terras industriais do Paiz, tendo já foros disso que muito a nobilitam, pois o seu povo é activo e trabalhador, não fazendo facilmente causa comum com os outros operarios de fóra em questões de grèves que, só em ultimo caso e na defeza de inquestionaveis direitos, põe em prática. E' uma terra essencialmente laboriosa, ocupando centenas de operarios nas suas numerosas fabricas, que todas labutam diariamente, sem esmorecimentos de qualidade alguma. Todas elas vencem por fim as varias crises por que tem passado, como ainda ultimamente depois dos excessos de produção ocasionados pela grande guerra, e se por vezes, se vêem forçadas temporariamente a parar a sua laboração, vão sustentando o seu operariado e dando-lhe o possivel trabalho, de forma a que dentro em pouco elle o retome completamente.

A prova mais cabal de que não falta quem prefira os produtos das industrias vimaranenses, é que elas são exportadas abundantemente para diversos paizes.

As industrias caseiras brilham tambem como uma revelação de actividade e vida economica, buscando-se nelas, muitas vezes, uma fonte de receita infalivel entre as classes pobres, que assim por meio dum trabalho tão honesto quanto discreto, obtem o sustento e o pão-nosso de cada dia, tão verdade é que só o trabalho e esforço de cada individuo opera milagres e arreda todas as dificuldades.

Arte

Concêrto Pezzi

Com uma selecta assistência realizou-se no salão nobre da Assembleia Vimaranense, na segunda-feira última, o concerto promovido pelo notavel tenor brasileiro Francisco Pezzi, que satisfiz a assistência plenamente, tendo sido muito aplaudido.

O acompanhamento foi feito pela distinta pianista sr.ª D. Margarida Policarpo Teixeira.

Teatro Gil Vicente

Deve realizar-se no Gil Vicente amanhã, domingo, um espectáculo pela aplaudida troupe Satchá-Amorós, da qual faz parte a illustre artista D. Maria Emilia Castelo Branco (Satchá).

Esta troupe deu espectaculos no Rivoli, do Porto e Politeama de Lisboa em conjunto com a companhia Amélia Rei Colaço e Salão Foz, tendo merecido o melhor aplauso do publico.

Casa Editora de A. Figueirinhas

NOVIDADES LITERÁRIAS

«Biblioteca das Familias»

Acabam de sair mais os seguintes volumes, ao preço de 10\$00, constituindo mais um triunfo literário para esta acreditada Casa Editora.

- O crime do Pai**, por M. Marian.
- A Ilha Azul**, por Georges Thierry, tradução de Florbella Espanca Lage.
- A Misteriosa Bem-Amada**, por Guy Chatepleure, tradução de Oldemiro Cesar.
- O Erro de Isabel**, por Maryan, tradução de Manuel de Mel.
- A Culpa Alheia**, por Ardel.
- Alma Angélica**, por Dely, tradução de Domingos Guimarães.

OUTROS LIVROS

- A Arte de Economisar e Poupar**, por Marden, tradução de António P. das Neves Pereira — Preço, 9\$00 Escudos.
- Contos de Perrault n.º 15**, coleção de A. Figueirinhas. Preço, 3\$00.

Casa

Vende-se uma na Rua da Republica, numeros 73 e 75. Informa no Toural n.º 94.

Esta é a única marca de garantia

BASTA DE EXPERIÊNCIAS

ALB

J. A.

CARTEIRA

Aniversários

Durante a semana fazem anos as seguintes Senhoras e Cavalheiros:

Domingo, 10—D. Sberia de Moura Moniz Guedes Gomes, Dr. José Cardoso Martins (Margaride) e Artur Jorge Guimarães.

Segunda, 11—D. Madalena Barbosa Batista Sampaio, D. Carlota Ricardina Portugal e Bernardino Faria Martins.

Terça, 12—D. Maria Madalena de Bourbon Mendes Ribeiro e Visconde de Camarate.

Quarta, 13—D. Adelaide Moniz, D. Tereza de Jesus Almeida e Dr. Luiz de Barros Faria e Castro.

Quinta, 14—D. Rosa Amelia Ribeiro de Faria, D. Maria de Lourdes Sampaio Pereira de Bourbon.

Sexta, 15—Augusto Joaquim da Silva.

Dr. Souza Junior

Infelizmente não tem sentido as melhoras que seria para desejar.

A propósito da sua doença sabemos que o seu velho amigo Sr. João Alves Pimenta, habil solicitador desta cidade, foi que acompanhou, o Sr. Dr. Souza Junior, de Vizela a esta cidade tendo para isso suspenso a sua viagem para dispensar ao seu dedicado amigo o melhor affecto, até o deixar na sua residência. É muito para apreciar tal dedicação em casos de tanta gravidade.

Partidas e chegadas

Tem estado entre nós o Sr. Aarão Moraes, importante capitalista residente no Porto.

—Regressou a esta cidade o Sr. dr. Henrique de Oliveira e Sá, illustre professor do Liceu.

Retirou desta cidade para a sua casa do Porto o Sr. dr. Augusto de Oliveira, que entre nós viveu alguns anos com sua família.

—Regressou de Felgueiras com sua Ex.^{ma} esposa o Sr. Eugenio da Costa VazVieira.

—Com sua família encontra-se na Póvoa o nosso prezado correligionário sr. Manuel de Freitas.

Casa Aluga-se uma na Avenida Miguel Bombarda n.º 44, com sete divisões e uma espaçosa loja. Tem instalação electrica, quintal com agua e tanque.

O mesmo predio tem uma boa Casa de 16^m — 6^m que serve para a exploração de qualquer industria, e que tambem se aluga ao mesmo ou a outrem.

Para tratar na mesma Avenida n.º 58.

Banco de Portugal

O Conselho de Administração, resolveu retirar da circulação, desde esta data, as notas de 100\$000 Réis, Ch. 2.º, Ouro, deixando portanto de serem válidas para a circulação, efectuando a sua troca na Tesouraria de Séde do Banco em Lisboa e na das suas Delegações desde o dia 11 do corrente até 9 de Dezembro p. futuro.

Pelo Banco de Portugal.

Os Directores,

Manoel Casal Ribeiro Carvalho
José Caeiro da Matta.

CORRESPONDENCIAS

Taipas

Há aproximadamente dois meses que a quasi totalidade do commercio desta povoação dirigiu uma representação ao sr. Vereador cá do pelouro, mostrando-lhe as conveniências e necessidades para bem do mesmo e do público, na transferência da feira semanal. Até à presente ocasião ainda não foi atendido, o que é deveras para extranhar.

Estamos certos de que o sr. Vereador, ao retomar o seu lugar, dará as suas ordens satisfazendo assim a vontade do commercio na petição que lhe dirigiu e que bem justa é.

—Continua a funcionar nesta povoação uma escola particular que se encontra totalmente fora da lei. Apesar do sr. Inspector Escolar já ter officiado à autoridade administrativa, dando-lhe conhecimento, esta ainda se não dignou providenciar como era da sua obrigação.

Não nos interessa nem nos prejudica tal escola, mas devido às constantes ameaças de que somos alvo, «mas que não temos», não abandonamos o caso, ainda que tenhamos de reclamar das instâncias superiores.

—De visita a sua ex.^{ma} familia, chegou de Ribodavia (Espanha), o nosso prezado amigo e correligionário rev. Padre João Bourbon (Lindoso).

—De visita também ao distinto advogado vimaranense sr. dr. António Amaral, que se encontra nas suas propriedades em Santa Maria do Souto, cumprimentamos o nosso amigo Eduardo Pires de Lima, escriptão em Fafe.

—Também nos visitou os nossos amigos srs. Arnaldo Borges e dr. Cristiano Borges.

—Na sua quinta de Vila Nova de Sande encontra-se o sr. Cônego Alberto Vasconcelos.

—Com sua familia, esteve aqui na segunda-feira o nosso ex.^{mo} amigo sr. Coronel-médico dr. Júlio Cardoso, da cidade do Porto.

—Chegou de Espanha, aonde foi acompanhar uma sua tia, o sr. Alexandre Costa e Silva.

—Estão quasi terminadas as vindimas, queixando-se os agricultores por terem um terço do ano transacto, mas em compensação tem melhor qualidade.—C.

"Ecos de Guimarães,"

— O jornal mais lido desta cidade —

Tiragem -2000- exemplares

Vizela

Quasi passava despercebido, aqui, o 16.º aniversário da república. Também o meio, cá em Vizela, politicamente, não é agora muito acceso... e antes assim!

Rivalidades, só servem para atear, cada vez mais, as labaredas da inimizade, e havendo harmonia e sossego é muito mais preferível.

O pôsto da G. N. R. embandeirou e iluminou a sua fachada, tendo-se ouvido alguns foguetes lançados tanto dali como de outro ponto da localidade. E nada mais...

—Completo a vindima da sua excelente quinta o nosso amigo sr. Alexandrino Guimarães, tendo já retirado para Ronfe. Agradecemos a sua gentileza.

—Faleceu há dias um filhinho do sr. Amaro de Souza, a quem apresentamos os nossos cumprimentos de muito pesar.

—Aquele pobre jornoleiro que, há dias, nas Teixogueiras, caiu duma escada quando estava vindimando e que devido aos seus graves ferimentos deu entrada no nosso Hospital—sendo passados 2 dias transferido para o de Guimarães—acaba de faltar ali, depois de ter sido operado, segundo nos informam.

—No estabelecimento dos srs. Couto & Melo há bicicletas para alugar.

—Os aquistas foram desaparecendo até que... Vizela limita-se à gente da terra—pronúncio do inverno que se avizinha e em cuja época não há colónia banhar em parte alguma.

—A luz eléctrica, após ter restabelecido a sua continuidade—depois de ter deixado a localidade algumas noites imersa em trevas, que só a pálida lua docemente beijava...—ficou realmente «frouxa»!

—Tem estado nestas termas o sr. dr. Joaquim Salgado, distinto médico.

—Com sua ex.^{ma} familia, vimos aqui o sr. Raúl Caldeira, do Porto.

—Regressou do Rio de Janeiro, com sua dedicada esposa e filhinha, o sr. Alberto Pinto de Souza e Castro.

Os nossos cumprimentos.

—Continua doente um filhinho do nosso amigo sr. dr. Manuel Caldas.

Desejamos as melhoras.—C.

NOTICIARIO

D. Margarida de Jesus Abreu

Após prolongados sofrimentos succumbiu na terça-feira última a Senhora D. Margarida de Jesus Abreu, cunhada do sr. José Fernandes da Costa e tia dos srs. José Fernandes da Costa Abreu, Rodrigo Fernandes da Costa Abreu e da esposa do sr. Capitão Malaquias.

Os seus funerais realizaram-se na quinta-feira, na capela da V. O. Terceira de S. Domingos com numerosa assistência, sendo o cadáver conduzido ao cemitério no carro fúnebre daquela Ordem.

Tomou a chave do feretro o sr. José da Costa Santos Vaz Vieira.

A' familia anojada envia o «Ecos de Guimarães» sentidas condolências.

Arnaldo Vilas Boas

Na sua Casa de Monte de Sines em Louzada, faleceu na terça-feira o nosso prezado amigo sr. Arnaldo Peixoto de Souza Vilas Boas, abastado proprietário e capitalista.

Ao seu funeral assistiram inúmeras pessoas de familia e amigos. O saudoso extinto era irmão dos srs. Adolfo e Adriano Peixoto de S. Vilas Boas, cunhado do nosso bom amigo sr. Capitão Gaspar Bacelar e pai do nosso companheiro de exílio sr. Manuel de Souza Vilas Boas.

A toda a familia dorida o «Ecos de Guimarães» apresenta sentidos pêsames.

Augusto Costa

Em 23 de agosto p. p. faleceu no Rio de Janeiro o sr. Augusto Costa, irmão do nosso prezado correspondente em Vizela, Alvaro Costa, e dos nossos amigos srs. P.º Alexandre Costa e Camilo Costa, de Vieira.

A estes bons amigos e em especial ao nosso estimado correspondente enviamos o nosso abraço de profundo pezar, sentindo o seu desgosto.

Liceu Mart. Sarmiento

Reabrem no próximo dia 16 do corrente as aulas neste importante estabelecimento de ensino secundário.

Farmácia aberta

Está amanhã de serviço a Farmacia Martins, da Porta da Vila.

Professora por colocar

Vende-se a casa da escola de S. Miguel do Monte, concelho de Fafe, que serve, com obras, para ser doada ao Estado, para efeitos da Lei n.º 1.754, de 0 de Março de 1925, que revogou a Lei n.º 1.214. É lugar de professora. Informa-se nesta redacção.

Ferro T para ramadas

Arame zincado, alemão.

Canalizações em ferro galvanizado e os respectivos acessórios.

Entrega imediata.

AMADEU C. PENAFORT, L.^{DA}

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES